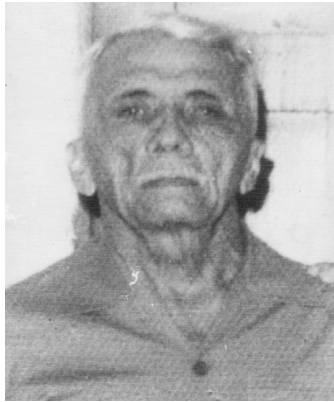


2. PAPAI, O GIRÃO DA JOVEM; AS SUAS CIRCUNSTÂNCIAS



Luiz Girão Carneiro, meu pai, foto do final dos anos 50's (3)

No que pese as dificuldades e sofrimento pela perda dos sete filhos, papai continuou na sua caminhada de pai de família trabalhador e honrado, para o que contava com o amor, a sabedoria e o apoio permanente da sua Jovem, condições que lhe propiciaram um ambiente harmônico no seio do seu lar.

Pieguice à parte e com a máxima isenção possível, aqui não obrigatória mas sempre recomendável, cumpre dizer que eram dois seres humanos com vários pontos concordantes, a partir da nobreza de caráter, incluindo o ilimitado amor a Deus, às pessoas e, de resto, a toda a natureza (vivente e inorgânica), em especial aos animais.

Havia, entre os dois, alguns e importantes aspectos diversos, quanto a temperamento, mas nada que os fizessem divergir na essencialidade, como pessoas corretas e dignas. Aquelas diferenças entre eles eram poucas. Meu pai não era afeito a participar de folguedos ou outras reuniões festivas, mas não se furtava da convivência social, pois que não se poupava em receber bem pessoas que demandasse à sua casa, para visita ou férias. Mamãe, até pela necessidade de fazer companhia às filhas moças, não se omitia de ir a tais eventos (terços, missas, festas), embora não participasse de danças ou outras atividades semelhantes. Era dela, também, a preocupação maior com a educação e a saúde dos filhos.

Exercia, com justa “autoridade matriarcal”, a disciplina, já que o pai “não sabia dizer não”, especialmente para com o filho caçula.

Papai era simples e despojado, como poucos seres humanos podem sê-lo. Era um pai e esposo amoroso, por demais. Era, também, um bom filho - a quem coube, inclusive, cuidar da propriedade da família, o que, nas dificuldades inerentes àquelas brenhas de um sertão, com virtual ausência de professor, lhe privou de, pelo menos, se alfabetizar, mas que não o impediu de ter grande habilidade para fazer contas de cabeça. Por outro lado, tinha boa educação doméstica e social, na família e fora dela. Sobretudo, era pleno de solidariedade humana, sem esquecer o seu amor fraternal ao seu gado.

Vovô Luiz Carneiro foi, antes da velhice, acometido de cegueira, o que lhe aumentou a dependência da minha avó Luzia e do papai. Aquele meu avô, certamente pela deficiência visual, tinha temperamento algo irritadiço no trato com as pessoas. Ele se recusava a ser chamado de cego, até porque era dotado de grande inteligência. Ao ouvir a sua *Louza* ler os jornais que lhe eram mandados, de Fortaleza, pelo sobrinho Raimundo Girão, a corrigia, com irritação, em face de qualquer deslize por parte da leitora, a quem logo advertia para não tratar mal o Português. Já naquele tempo, Luiz Carneiro achava que vivíamos, ainda, em uma terra de índios, no sentido da falta de civilidade das pessoas, o que, com todo o respeito aos nossos irmãos selvícolas, persiste nos dias atuais. Raimundo, a propósito, nas suas memórias (PALESTINA, uma agulha e as saudades) deteve-se ao discorrer sobre aquele tio, irmão do pai dele - o notável **Sousa Girão**, cuja **foto**, a seguir, é ladeada pela da devota **Maria Machado Girão (Marinha)**⁽⁸⁾, que o desposou, após ter ele enviuvado de Celina Cavalcante Girão.



Cumprer lembrar ter sido o Sousa quem, naquele estiado outubro de 1900, ocupava a casa da Palestina, de propriedade de Luiz Carneiro, à margem do Rio Banabuiú. Aquela moradia temporária era importante, porque o rio, mesmo seco durante o verão, se prestava para, através de cacimbas cavadas no seu leito, ensejando a que se obtivesse água para consumo humano e dos animais, além de as suas vazantes servirem para o cultivo de feijão, batata, jerimum, melancia e melão.

Eis que aquela habitação ribeirinha, engrandecida, testemunhou o nascimento de Raimundo Girão.

Meu pai e o seu gado. Vaqueiros

Ele se devotava, quase o tempo inteiro, ao cuidado com o seu gado (bovino). Tinha para, com os animais, uma dedicação extremada e permanente, um amor quase franciscano. Na ordenha, era menos habilidoso do que o seu filho Luiz, talvez, até, por não se sentar no banquinho que para isto costuma ser utilizado pela maioria dos tiradores de leite. Nessa tarefa, firmava-se, no chão do curral, sobre o joelho direito e, apoiando-se na perna esquerda semifletida (noventa graus), segurava a vasilha com a mão esquerda e ordenhava com a direita. Em tal posição, me permito a pieguice, estaria ele a reverenciar aquela vaca, de cujo leite dependia o mais valioso componente alimentar para a sua família. Quando uma rês estava doente, ele, preocupado, durante a noite, ia, por mais de uma vez, ao curral, para saber de como ela estava passando. De outra parte, porém, quando uma desobedecia ao dono, este podia reagir de modo, às vezes, temperamental, até com varadas, o que fazia com que ela se enquadrasse. É clássico o exemplo da *Camurça*, uma bela vaca, boa de leite e de cria, mas geniosa, como sói acontecer com os da sua raça zebu. Outras tantas atitudes compunham aquele relacionamento amistoso com o seu gado. Não permitia, por exemplo, que rês do seu rebanho participassem de vaquejada, poupando-as do sofrimento e do risco de ter que ser sacrificada, na hipótese de sofrer de uma perna quebrada, decorrente da derrubada. Em geral, o fazendeiro, mesmo os de propriedades menores, como a do meu pai, era membro da Associação dos Vaqueiros e Criadores, entidade fundada por inspiração principalmente de Girões que a conduziram por várias décadas (Eduardo Girão Sobrinho, Romeu, João de Deus, Jaime Girão e João de Deus Girão Filho). No Dia do Vaqueiro, onze de junho, ou em um dia vizinho, conforme a conveniência, havia – e ainda

há as comemorações da Festa do Vaqueiro. Nas primeiras horas da manhã, ocorre uma missa solene, na Matriz do Espírito Santo, em que comparecem, além das pessoas em geral, os vaqueiros, devidamente paramentados com sua roupa de couro, consistindo de gibão, peitoral, perneiras, luvas e sandálias. Tudo de couro curtido, inclusive o chapéu. Da igreja, sai o desfile dos vaqueiros, na respectiva montaria, com a bandeira da Associação conduzida pelo vaqueiro mais idoso, que vai à frente do cortejo, percorrendo algumas ruas da cidade, emprestando garbo aos seus participantes e despertando justificada emoção para o público. O gado, geralmente cedido pelos fazendeiros, fica preso, desde a véspera, num curral anexo à pista da derrubada. Vaca, novilha, touro reprodutor, boi de carga ou outra cabeça que fosse de grande utilidade são excluídas, porquanto, na hipótese de acidente (geralmente uma perna quebrada, na derrubada), conforme já dito antes, o animal viria a ser sacrificado e a respectiva carne, consumida no próprio churrasco, a ser oferecido aos vaqueiros. Brincar (correr atrás da rês para derrubá-la) era permitido ao seu dono, a um preposto, ou, no máximo e como deferência especial, a um outro puxador de boi. Nunca, a um estranho, mesmo que este quisesse pagar para correr. Na atualidade, o boi, mal tem saído do curral, já é pego pela cauda. Assim que os cinco (a dupla de montaria e a rês) alcançam uma maior velocidade, e dentro de um determinado espaço da pista, a rês é puxada, geralmente indo ao chão, o que é facilitado pela velocidade alcançada e pela grande potência do cavalo. É também comum se ver, atualmente - o que não era de praxe no passado, o cavaleiro abraçar completamente o pescoço da sua montaria, para melhor se sustentar e poder puxar a rês, com menor risco de ele próprio também não cair. Mesmo assim, raro não é que tais vaqueiros de araque venham a ir para o chão. Ademais, o espírito mercantilista tomou conta da vaquejada, com premiações de grande valor, participação de pessoas, em geral, de boas condições financeiras, o que lhes permite ter cavalos de raça, de grande porte e muito velozes. Tais pessoas, em geral não têm qualquer ligação ou compromisso com a vida do campo ou com a pecuária. Outrora, no entanto, havia um certo lapso de tempo entre a partida, a pegada da cauda da rês e a puxada para derrubá-la. Na pega de boi, no campo, então, o animal não espera a aproximação do vaqueiro, exigindo deste uma autêntica disparada, até a aproximação da rês. Naquele cenário, as dificuldades são agravadas pela caatinga, a ser adentrada. Dependendo da sua

densidade, o mato, de fato, dificulta a maior velocidade da montaria, embora o faça também para a rês. Por parte do vaqueiro, além da habilidade e do destemor, é exigido todo o cuidado, a fim de não se estrepar ou sofrer outro acidente sério. Quando exitosa, aquela peleja e vencidos todos os obstáculos, o vaqueiro alcança e derruba a rês, caindo-lhe, imediatamente em cima, imobilizando-a pelo pescoço torcido, enquanto aguarda a aproximação do seu cavalo, de cuja montaria é retirada a mascara (pronuncia-se paroxítona, sem o acento na primeira sílaba), a ser posta na presa. Esta, já liberta, mas sem visão frontal e, assim, chocando-se aqui e ali, contra árvores ou outros obstáculos, fica a mercê do vaqueiro, que a tange, com relativa facilidade, até onde o desejar. A respeito de vaqueiros habilidosos, lembro-me de Heráclito Machado, natural do sertão do Riacho do Sangue (atual Jaguaretama) de cuja alegre presença cheguei a ter períodos de convivência (**foto** dele ao lado de Ângela, sua esposa)(8).



Ele era o pai de Mariinha (aquela segunda esposa do o Sousa). Dentre outros, era-lhe filha a Lourdes, a boníssima esposa do Júlio Carneiro e mãe dos doutores Edísio e Wilton Machado Carneiro).

Heráclito, amigo de papai e que conosco frequentemente se hospedava, nas suas visitas ao sertão, era um homem disposto, a ponto de, já idoso e sabedor de um boi brabo do nosso rebanho que necessitava ser pego, requisitou o Cardão, um cavalo comum, mas de boa performance e que era usado praticamente apenas pelo mano Luiz. Papai, montando o Alazão, menos veloz, mais dócil e, assim, utilizado também por mamãe, foi junto com Heráclito, campear o tal boi. Ao se perceber assediado, aquele brabo embrenhou-se na caatinga e, atrás dele, Cardão e Heráclito. Não deu outra. Papai, que apenas a galope os seguia, vislumbrou, garranchos e touceiras à frente, a presa ao chão, já devidamente imobilizada e mascarada, por Heráclito..

O tormento da seca



Árvores sem folhas, cenário hostil nos muitos meses de estiagem, no sertão (9)

Um lado triste, naquele cenário, era o da escassez de alimento para os animais, nos anos de seca. Isto sempre teve o significado de calamidade, quase tragédia. Acabavam-se os pastos nas mangas e nos cercados. Capim (ou outro alimento equivalente) não se podia ter, por várias limitações, principalmente a falta de terras úmidas e de recursos para irrigá-las. Uma das primeiras opções era o uso de resíduo, subproduto do beneficiamento do algodão, vindo de Fortaleza. Oneroso, era comprado em Morada Nova, de acordo com o crédito, limitado às posses do criador. Às vezes, o comerciante era compassivo e fornecia, fiado, a mais do que as condições econômicas do pecuarista permitia, sem deixar, porém de defender o seu lucro, razão primeira de todo comerciante. Pelo custo alto, o resíduo entrava, em pequena proporção, no total da ração, que, assim, precisava ser aumentada com ingredientes locais, como o mandacaru ou o xiquexique, a fim de encher bem a barriga dos animais. Um problema a mais é que, até daquelas xerófilas, não dispúnhamos em suficiência, no que pese não ser grande o nosso rebanho. Mas, mesmo assim, não valia se desesperar.

Então, foice ao ombro, saia papai a buscar qualquer pau com folha verde (catingueira, juazeiro, jurema...). E o gado, ansiosamente, atrás, a segui-lo, nem carecendo, pois, de tangê-lo. Não dava para dizer de quem era maior o estresse: do dono ou do seu rebanho. (Aliás, deste cenário fez boa descrição o grande Euclides da Cunha, no seu Sertões, com a fidelidade e a riqueza literária com que escreveu aquela obra tão marcante).

A água, para os animais e até para os humanos, era outro drama, tendo aquele precioso líquido que vir de longe, também pela ausência de um açude na nossa fazenda ou nas redondezas. Uma cacimba, cavada no Riacho da Aroeira, dava algum alento. Nem sempre, pois, muitas vezes, até aquele lençol freático se exauria. A desnutrição extrema das reses, em couro e osso, tendia a levar, na falta de um recurso salvador que pudesse vir dos céus, a que muitas delas caíssem, não mais se levantassem e, inexoravelmente, morressem. Tais perdas não eram poucas, acrescentando, para papai, ao prejuízo material, o sofrimento, como se perdido tivesse um ente querido.

A Agricultura e a pecuária de subsistência

Como se dava com o criatório de animais, a **prática agrícola** era pequena ou de subsistência, por motivos vários. A água dependia exclusivamente das chuvas, sabidamente irregulares, com alguns anos de seca total, como o de 1958. Quando o inverno era regular, subtendendo-se a inexistência também de enchentes e alagamentos, obtinha-se uma colheita de **feijão** e **milho** que permitia o consumo por alguns meses, raramente sobrando para a venda. A qual, por sinal, era de pequena vantagem, decorrente do aviltamento do preço, forçado pelos especuladores. A produção de algodão era menor ainda, embora houvesse menor dependência de água.

Havia poucos braços, além daqueles ágeis e vigorosos de Luiz e de papai. Em situações pontuais, como no corte do carnaubal, em preparação de terra para plantio ou colheitas maiores, eram convocados trabalhadores de fora, mais disponíveis, então, do que na atualidade. Às vezes, determinado pedaço de terra era cedido a terceiros que dariam, ao fim da colheita, uma parte para o dono do terreno. Um desses trechos, relativamente pequeno e situado entre a estrada que demandava para a rua e o Riacho da Aroeira, era o Cercado do Nogueira, por ter sido

cultivado pelo Antônio Nogueira. Aquele cidadão tinha a fala mansa, hábitos aparentemente tranquilos, pele levemente morena, e um bigode bem aparado, dando-lhe a ligeira aparência de um árabe. Ele, por vários anos, enquanto habitava o Canto da Onça, tinha uma relação respeitosa e amigável conosco. **Feijão** era o mais previsível, mas a cultura era de pequena vantagem, decorrente do citado aviltamento do preço, forçado pelos especuladores, quando havia boa colheita. Quanto ao **milho** era um item da maior importância para a alimentação das pessoas – o que se obtinha com aquela mágica fertilidade em espigas, tão nutritivas e saborosas (assadas, cozidas, no cuscuz, no mugunzá, no bolo). A sua cultura podia ser muito prejudicada pela falta d'água na época do pendoar. Dava pena (e prejuízo material, naturalmente) vê-se num milharal, todo crescido e verde, perder-se a produção, por falta de chuva no tempo certo. Para nós que não dispúnhamos de equipamentos adequados, como a irrigação para prover, de água, a plantação, a solução ficava na dependência de São Pedro. Daquela época dos Cinquenta, das coisas mais difíceis, ficou-me viva na lembrança um belo plantio de milho, no Cercado do Nogueira, que prometia uma boa produção. Por volta de fim de maio, porém, a chuva foi embora, justamente na hora crítica em que mais a cultura precisava de água. Perboyre Girão, primo do meu pai e, mesmo antes de se tornar político, aquiesceu em nos emprestar uma motobomba, com o que nos foi possível puxar a água do contíguo Riacho da Aroeira, conseguindo-se, assim, garantir a salvação daquela lavoura valiosa. Na oportunidade destes escritos, reitero à memória de Perboyre o agradecimento que papai, pessoalmente, lhe apresentou, naquela ocasião. **Algodão** era de cultivo algo restrito, embora fosse plantado em campos do Campestre e do Bartolomeu, lugares de nossa propriedade. Àquela altura, embora houvesse cotonifícios e tecelagens em Fortaleza, os preços já não recompensavam tanto, embora não houvesse advindo, ainda, a praga do bicudo. Quanto ao **gado bovino**, naqueles anos, se boa tivesse sido a procriação das vacas, a tarefa da ordenha ficava pesada para os dois homens da casa (papai e Luiz), sendo este último um verdadeiro az naquele mister. Aí, alguns outros, geralmente vizinhos e amigos, poderiam vir a ajudar, em troca de alguns litros de leite.

Para a vacinação das reses, irregularmente praticada, em face da ausência de orientação técnica e/ou da disponibilidade da vacina, muitas vezes era preciso mais gente. Certo é que, para todas aquelas

tarefas - dignificantes, pois árduas e indispensáveis no campo, eu não tinha aptidão mínima, até pelo meu porte físico franzino. Aquela limitação poderia ser, pelo menos em parte, superada pela prática. Aí, havia outra restrição, pois mamãe, escaldada pela perda, anterior, daqueles sete filhos, quase todos na mais tenra idade, de tudo fazia para me proteger contra riscos. E, assim protegido e restrito, não pude me capacitar como um competente homem do campo. Conseguiu eu realizar algo mais maneiro, como a ordenha de algumas cabras, mesmo assim sem a eficiência necessária.

Em tarefas agrícolas, eu era também muito limitado, participando, no máximo, daquelas mais leves e desde que não pegasse poeira ou sol quente para não adoecer, conforme determinação zelosa de mamãe. Por tais limitações, restou-me, pois, dedicar-me à escola e aos livros, muito mais do que o fizeram Luiz, Maria, Anésia e Nilda.

Uma grande adversidade

As agruras, decorrentes da grande seca de 1958, atingiram o seu máximo no final do mês de dezembro. Além de todas as dificuldades e sofrimentos causados às pessoas e animais da nossa fazendola, como de resto a tantos outros pequenos agropecuaristas, parques de recursos, foi naquele tempo que uma outra grande adversidade nos sobreveio. Papai, nos primeiros dias de 1959, viu-se acometido de doença prostática, que o levou a se hospitalizar na Santa Casa de Fortaleza, privando-o, assim, da sua lida, em um momento no qual, segundo acentuava, ele mais necessitava de estar cuidando dos seus bichos, especialmente das rêsas, ainda em extrema magreza, muitas delas caídas e prestes à morte. O período chuvoso do novo ano ainda não se iniciara, nem ao menos para ensejar alguma babugem. Ademais, mesmo com toda a solidariedade, recebida dos primos **Raimundo e Raul Girão e Ananias Frota**, seu contraparente, pois casado com sua prima Aline, não logrou a resolução para a sua doença, em face de um cardiologista, com base, unicamente no achado eletrocardiográfico de um bloqueio do ramo direito, do sistema elétrico do coração (Feixe de His), lhe ter contra-indicado a operação (prostatectomia). Aquilo significou, para papai, o desengano de cura, o que levaria a obstrução do fluxo de urina, infecção urinária crônica, evolução para uremia e, ao final, à morte, em 9 de junho de 1961, aos 68 anos de idade.

Por ocasião da passagem do centenário do seu nascimento (16 de agosto de 1993), foi realizada uma celebração eucarística, na Matriz do Divino Espírito Santo, em Morada Nova, contando com a presença de grande número de familiares.

Cumpramos o registro do apoio, de retaguarda, dado por Fausto, nosso cunhado, em assumir, dentro das suas limitações, a administração da fazenda, durante toda a doença do papai e, até, depois da sua morte, por vários anos.